

SESSÕES DO PLENÁRIO

45ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 19 de agosto de 2019.

PRESIDENTE: DEPUTADO ROSEMBERG LULA PINTO (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em comemoração ao Dia da Capoeira, proposta aqui por este deputado que vos fala, Rosemberg Lula Pinto.

Neste momento, queria convidar para compor a Mesa o diretor-geral do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado da Bahia, meu querido amigo João Carlos Oliveira; a coordenadora de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia, querida amiga Janahina Cavalcante, que aqui representa outra querida amiga, Renata Dias; o diretor do Centro de Culturas Populares e Identitárias da Secretaria de Cultura, meu querido amigo André Reis; o meu querido amigo Tonho Matéria, compositor e mestre de capoeira que por diversas vezes tem me ajudado a continuar deputado no estado da Bahia. Fico muito grato por isso.

Continuando, convido a Sr.^a Somonair dos Santos da Costa, filha do mestre Moa do katendê; a nossa querida professora Negona; e o representante do Conselho Gestor de Capoeira da Bahia, meu querido amigo mestre Duda. Até já conversamos um pouquinho ali antes de chegarmos a este momento.

Uma salva de palmas para a Mesa! O negócio está muito desanimado aqui, rapaz! (Palmas) Nunca vi capoeirista desanimado. É que hoje é segunda-feira, depois de um domingo, que sempre é um dia muito concorrido.

Neste momento, iremos assistir a uma apresentação do Grupo Mangangá para abrilhantar o início desta sessão especial.

(Procede-se à apresentação artística.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Queria agradecer a participação do Grupo Mangangá. E, neste momento, eu queria pedir licença para falar um pouco sobre a importância e a minha impressão com relação à Capoeira.

O Sr. ROSEMBERG LULA PINTO: Bom dia a todos e a todas.

Mais uma vez quero saudar o meu querido amigo João Carlos; Janahina, que representa nossa querida Renata; André Reis; meu querido amigo Tonho Matéria; Somonair, com quem já conversei ali em cima; mestre Duda – eles participarão, na quarta-feira, de uma discussão aqui sobre a importância da regulamentação da capoeira, inclusive com o olhar da educação – e a professora Negona.

Quero saudar todos vocês e dizer da importância da capoeira na Bahia, no Brasil e no mundo. E também é preciso destacar por que é fundamental reverenciarmos o 3 de agosto. Mas devo dizer, João Carlos, que o 3 de agosto ainda não é uma data regulamentada no nosso estado. Precisamos regulamentá-la.

Na realidade, esta sessão tem como objetivo tirarmos daqui a orientação para que apresentemos a esta Casa Legislativa uma proposição que regulamente, de fato, o 3 de agosto como o Dia da Capoeira. E assim o estado da Bahia possa ter, nas suas leis, essa regulamentação, haja vista a importância da capoeira na formação da sociedade baiana.

(Lê) *“Ao chegarem ao Brasil, os africanos perceberam a necessidade de desenvolver formas de proteção contra a violência e a repressão dos colonizadores brasileiros. Eram constantemente alvos de práticas violentas e castigos dos senhores de engenho. Quando fugiam das fazendas, eram perseguidos pelos capitães do mato, que tinham uma maneira de captura muito violenta...”*

Os senhores de engenho proibiam os escravos de diversas atividades – principalmente o lazer e a prática de qualquer tipo de luta. Agiam assim para se protegerem dos questionamentos que os nossos queridos antepassados poderiam fazer a respeito da relação que mantinham com eles.

“(...) Os escravos utilizaram o ritmo e os movimentos de suas danças africanas, adaptando a um tipo de luta. Surgia assim a capoeira, uma arte marcial disfarçada de dança. Foi um instrumento importante da resistência cultural e física dos escravos brasileiros.

A prática da capoeira ocorria em terreiros próximos às senzalas (galpões que serviam de dormitório para os escravos) e tinha como funções principais a manutenção da cultura, o alívio do estresse do trabalho e a manutenção da saúde física. Muitas vezes, as lutas ocorriam em campos com pequenos arbustos, chamados na época...” – e ainda chamamos no interior do estado – “(...) de capoeira ou capoeirão...” Daí o nome capoeira. É lógico que existem outras informações a respeito da origem do nome capoeira.

Até 1930, Tonho, a capoeira era uma expressão muito individualizada, sem a música, sem o batuque. Era uma forma de proteção dos indivíduos, João Carlos, mas ela ainda era vista como algo subversivo no Brasil.

Em 1930, com a polícia prendendo os capoeiristas e fazendo diversas outras perseguições, surge uma figura importante na formação da nossa sociedade e da nossa cultura, o mestre Bimba. Ele adota um novo conceito e apresenta uma adaptação à capoeira tradicional, com a musicalidade, com os batuques, criando novos ritmos.

E ele faz uma apresentação disso ao Estado brasileiro, personificado, na época, pelo ex-presidente Getúlio Vargas. A partir daí começa a haver um novo olhar para a capoeira e o então presidente da República a reconhece como prática esportiva. Mas ainda não foi reconhecida como uma prática da nossa formação cultural. Seria importante o reconhecimento de que ela surge como expressão cultural e, também, para a proteção dos indivíduos.

Entretanto os preconceitos com relação à capoeira continuaram. Torna-se um estilo de dança reconhecido pelo Estado brasileiro, na pessoa de Getúlio Vargas, mas o preconceito às pessoas que praticam essa atividade continuava muito forte – e ainda continua nos dias de hoje.

Por isso, iniciativas como esta que fazemos hoje e como a que a deputada Olívia Santana realizará aqui no dia 21 têm, também, o objetivo de trabalhar a descriminalização da prática da capoeira.

Ainda precisamos lutar bastante para compreender e entender a formação da nossa sociedade. Sempre digo que somos reconhecidos como uma sociedade de formação europeia. Precisamos a cada dia reafirmar a formação da sociedade brasileira a partir da importância africana, da importância indígena. Precisamos reforçar isso todos os dias.

Sabemos como os índios são discriminados na nossa terra, como são tidos como pessoas secundarizadas. Precisamos entender a formação da sociedade brasileira nesse tripé. Não podemos achar que a nossa formação é apenas europeia, na sua maioria de portugueses e holandeses. Precisamos compreender essa mistura e essa formação da sociedade brasileira considerando a importância fenomenal da matriz africana dentro das suas diversas concepções da religiosidade, do ponto de vista das suas comidas, da sua forma de pensar, da sua resistência, ou seja, nós precisamos valorizar isso todos os dias. É por isso que nós estamos aqui, neste momento, valorizando o dia 3 de agosto como o Dia da Capoeira com o objetivo de fazer com que esta Casa possa se debruçar a partir de um projeto de lei e regulamentar de fato este dia.

“Assim como mestre Bimba, diversos outros mestres a exemplo de mestre João Grande, mestre Pastinha, mestre João Pequeno, mestre Caiçara, mestre Curió, representam a história da capoeira.”

Quem sou eu para falar de capoeira aqui para vocês? Mas nós precisamos dizer para a sociedade os estilos da capoeira. Em todos os estilos, três, 10, 20 estilos da capoeira, a importância dela é que ela hoje é um instrumento de conscientização da sociedade. Vejo meninos e meninas que se identificam na prática da capoeira a partir de diversos mestres que têm o cuidado de cuidar dessas crianças e fazer com que elas, a partir dessa expressão cultural, se tornem homens e mulheres importantes na sociedade brasileira, na sociedade baiana.

Quero dizer a vocês que eu estou muito feliz de poder, neste dia de hoje, aqui, trabalhar a institucionalização da data do dia 3 de agosto.

(Lê) *“Em 26 de novembro de 2014, a Unesco (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura), declarou a roda de capoeira como sendo um patrimônio imaterial da humanidade. De acordo com a organização, a capoeira representa a luta e resistência dos negros brasileiros contra a escravidão durante os períodos colonial e imperial de nossa história. E 3 de agosto como o Dia do Capoeirista.*

Para finalizar...”

Quero dizer que neste dia, neste 3 de agosto, aqui na Bahia, me lembro quando Gilberto Gil nos procurou, óbvio procurou antes, para que a gente pudesse, inclusive,

fazer da Bahia esse espaço da representação internacional da capoeira quando ele era ministro da Cultura. E foi com o patrocínio da Petrobras que transformamos aqui uma semana e fizemos a Bahia ser olhada mundialmente a partir da expressão da capoeira.

“Quero pedir a benção aos mestres e professores, quero dizer que me orgulha muito trazer para esta Casa Legislativa o exemplo da história, da cultura e da arte. Sobretudo pela importância que tem a capoeira, como esporte, como luta e como instrumento de resistência e de educação.”

Falava nesse instante com Duda sobre como incorporar esse debate dentro da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, para que a gente possa ter uma possibilidade de ter a capoeira como algo complementar nos currículos das nossas escolas, entendendo a importância desse trabalho dentro das nossas escolas baianas.

Lembro que nós fizemos isso no contratempo das aulas, ou seja, na parte da manhã, ou na parte da tarde, quando abríamos as escolas... eu sempre falo da escola Márcia Meccia, lá em Mata Escura, quando na parte da tarde a gente utilizava aquele espaço para o público e para os alunos que estudavam na parte da manhã fazerem as suas expressões e a maior delas era a capoeira.

Então, isso tem uma importância fenomenal para a educação e a formação da nossa juventude.

“Defendo que a capoeira precisa estar em nossas escolas, como forma de estímulo para nossa juventude e precisamos manter viva a nossa história e cultura. No momento que vive o país, quando estão destruindo e negando a nossa história, negando o nosso passado, precisamos reafirmar o quanto a capoeira, as religiões de matriz africana, o povo negro, os índios construíram e são parte deste Brasil e da Bahia.”

Muito obrigado. Quero parabenizar todos os capoeiristas aqui presentes. (Palmas)
(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Neste momento, assistiremos a um vídeo de Caetano Veloso em homenagem, *in memoriam*, ao mestre Moa do Catendê.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Somonair, nada tira a expressão e a importância do mestre Moa para todos nós, baianos. Por isso convido você para que possa usar da palavra neste momento.

A Sr.^a SOMONAIR DOS SANTOS: Obrigada. Bom dia a todos. Eu me chamo Somonair, filha do mestre Moa, do Catendê, mestre Moa vive, mestre Moa presente sempre. Viva a capoeira, viva a cultura, viva mestre Moa e todos os mestres de capoeira presentes e ausentes.

O meu pai me deixou um legado, eu jamais vou deixar essa estrela se apagar, essa referência que sou eu, Somonair, professora de dança afro. Eu aprendi com meu pai, mestre Moa, que veio com a cultura, veio trazendo o seu brilhante legado e essa cultura viva vou deixar sempre em lembrança, não só no meu coração como no de todos nós. Quarta-feira agora, dia 21, completa 1 ano que eu perdi minha mãe, ela

estava me dando forças para eu poder remanescer, me dando forças para eu erguer a cabeça, mas, infelizmente, aconteceu essa triste tragédia covardemente.

Enfim, eu tenho muito o que agradecer a este espaço aberto, eu agradeço a todos vocês por esta grande e brilhante oportunidade de nos trazer aqui nesta data importante, que é o Dia da Capoeira. Ele se encontra presente e vivo em nossas vidas e de lá de cima feliz por demais por estar sendo homenageado também, não só meu pai, mestre Moa como todos os mestres, alunos e todos da capoeira e da cultura afro-brasileira, essa é uma referência que meu pai deixou, esse legado que eu vou levar até o fim. Assim como meu pai trabalhou sempre para poder fazer com que a cultura crescesse, trabalhava com todas as crianças, jovens, adultos. Enfim, era uma pessoa ilustre, com poucas palavras, um grande homem, um grande pai, um grande mestre.

Eu estou feliz por demais e sei que de lá ele também, não só ele como minha mãe também, todos os dois presentes, mestre Moa presente sempre e mestre Moa vivo.

Obrigada. Obrigada, deputado, obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): O.k., Somonair.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Neste momento, eu concedo a palavra ao meu querido amigo, cantor, compositor, publicitário, produtor musical e mestre em capoeira, Tonho Matéria. (Palmas)

O Sr. TONHO MATÉRIA: Boa tarde ou bom-dia ou boa-noite a quem se situa nesse ambiente ancestral e bom dia a quem se situa neste ambiente natural que o universo dá para cada um de nós.

Em nome do nosso grande deputado Rosemberg, quero aqui mandar esse salve, esse axé para todos os capoeiras presentes, capoeiras que se manifestam através da roda de capoeira, outros que se manifestam através do corpo, das ideias.

Nós temos aqui, deputado, capoeirista que se manifesta de diversas formas. Eu ouvi da voz do deputado, que há várias manifestações da capoeira. Nós temos duas tradicionais e algumas que se manifestam de forma que cada um, particularmente, entende de que forma pode jogar a capoeira que joga.

Eu sou de uma capoeira da antiga, alguns da minha geração estão aqui presentes, sou de uma geração quando a gente ainda respeitava e respeita o pé do berimbau, a música que está tocando na roda de capoeira, o toque que está se dando, e esse jogo a gente leva para o resto da vida para todos os espaços.

A minha raiz de capoeira vem do mestre Geni, o mestre Macaco, meu primeiro mestre, depois vem da raiz do mestre Nô, mestre Marcos Alabamba, com o mestre King Kong. Eu tenho essas raízes que me deram sentido de ser o capoeirista que sou hoje. Então, eu escolhi, dentro da capoeira, já que ela é um espaço, um instrumento de luta, de resistência, eu quis lutar na resistência musical, ensinando aos jovens palavras, gestos, formas simbólicas de dizer “não” ao preconceito, ao racismo, a todas as formas de discriminação que envolvem a nossa comunidade, mostrando a eles como se pode usar a negaça sem usar arma.

E aí a gente usa uma palavra que é chave dentro da música, uma frase que é muito importante dentro da música do Mestre Gajé, quando ele diz: “Tira a atiradeira para o homem não atirar, dê um berimbau para o homem tocar”. E é dessa forma que a gente vai fazendo nas nossas comunidades, ensinando os jovens a serem grandes profissionais da capoeira.

Aqui eu vejo a presença do Mestre Aristides, que foi uma das primeiras figuras a trabalhar com a criança na Acal, e isso tem uma importância muito grande, porque fez com que muitos capoeiristas também buscassem esse espaço de educar, nas suas comunidades, as crianças.

Hoje eu estou vendo ali mestres, como The Flash, como o mestre que está ali junto com o Mestre Bozó, fazendo essa estrutura. E se esses homens hoje são mestres de capoeira é porque o Mestre Bozó, dentro do Nordeste de Amaralina, que é uma comunidade onde a gente vê o tempo inteiro na televisão só sangrando... A gente mostra que tem uma figura como o Mestre Bozó, que está fazendo transformação. E isso é em todas as comunidades.

Então nós estamos aqui para contemplar a questão dita pelo deputado sobre o Dia da Capoeira, que é um dia que a gente pode ainda dialogar muito para entender se esse dia realmente representa a nossa capoeira, os capoeiristas, já que nós temos legados aqui como o de Bimba, como o de Pastinha. Então é uma questão... Como o Mestre Duda já está aqui, faz parte do gestor de cultura, estamos na salvaguarda de capoeira. E a gente leva isso para a salvaguarda, porque eu sou um dos gestores do GT, faço parte do GT da capoeira também, onde a gente vem ao longo do tempo discutindo as questões sociais, culturais, econômicas e de tradição também da capoeira. E é muito importante que todos os capoeiristas se sintam contemplados com essa data. É uma coisa que vai abrir uma nova forma de diálogo. E o deputado traz isso aberto nessa plenária, para a gente fazer essa discussão e chegar a um bom senso.

Eu acho muito importante, acho que todo mundo que trabalha em prol do futuro da capoeira – eu sempre uso uma palavra: a capoeira ela é muito viva, ela é muito viva! –, todo mundo que trabalha para o bem da capoeira, a capoeira protege. E o senhor será um dos protegidos por essa arte, por estar dando o pontapé da busca também da salvaguarda, de salvaguardar esse instrumento chamado capoeira.

Digo isso porque a capoeira me transformou nesse homem que sou, nessa estrutura que me dá a cada dia. E eu não consigo pensar na minha música, na minha poesia, na minha comunidade se eu não penso na capoeira. Em mim, para mim, comigo, tudo tem que ter a capoeira, como Somonair acabou de falar da dança. Se não fosse o pai dela, ela não seria hoje uma grande dançarina, porque a capoeira, ela nos dá essa possibilidade de ser gestor, de ser arquiteto, de ser médico, de ser engenheiro e de ser mestre de capoeira com muita dignidade.

Obrigado! Axé! (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Obrigado, Tonho.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Nesse momento, eu queria chamar uma pessoa que pode representar um pouco isso. Tudo bem, Léo? Eu vou citar algumas pessoas que estão aqui: já vi Léo, de nossa querida Conceição do Coité; Edenice Sant’Ana, coordenadora do Grupo de Capoeira Obìrìn Dùdù e do Núcleo Cultural Niger Okàn – Conen; Ricardo Tavares, dirigente de Sindicato – que é Léo, não é? É porque eu conheço Léo, mas botam aqui Ricardo, fica difícil saber quem é Ricardo –; Railton de Oliveira, meu querido amigo, ex-prefeito de Itagi; Ana Lúcia Albuquerque, da Comunicação da Secult; Uziane Luzia, coordenadora do Núcleo Salvador em Movimento Novas Felipas.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Eu queria chamar essa menina de Irará, para que possa falar. E como professora Negona, que cultua a capoeira todos os dias. (Palmas)

A Sr.^a OLÍVIA ROBERTA “NEGONA”: “Valha-me Nossa Senhora / Mãe de Deus, o Criador / Nossa Senhora me ajude / Pois Nosso Senhor já me ajudou / Camará / E viva a capoeira...”

Participantes da sessão: “Ê, viva a capoeira, camará”

A Sr.^a OLÍVIA ROBERTA “NEGONA”: E é isso, cantando uma quadra eu saúdo todos os capoeiristas, saúdo o Mestre Bozó. Essa quadra é uma homenagem à sua pessoa; saúdo a Mesa na pessoa do nosso deputado Rosemberg Pinto. Quero agradecer por essa sessão especial do Dia da Capoeira, mas dizer que eu tenho algo para falar sobre esse 3 de agosto. Eu sempre, todo ano, tenho uma discussão em cima dele. O 3 de agosto não me representa enquanto mulher capoeirista, negra, baiana, porque é uma lei estadual, do estado de São Paulo. Então, por isso, eu questiono sempre e costumo celebrar o dia 23 de novembro, que é o dia municipal da capoeira no meu município. Em homenagem, *in memoriam*, ao nosso saudoso Mestre Bimba.

Gostaria de fazer referências também às nossas mestras. Eu ouvi muito falar de mestres, mas quero dizer que na capoeira nós temos mestras guerreiras. Queria falar aqui na saudosa Mestra Ritinha. Mestre Moa, presente; Mestra Ritinha, presente. Grande guerreira aqui dentro da cidade de Salvador, mulher negra, capoeirista, angoleira, foi discípula de Mestre João. Então, eu acho que é sempre bom a gente estar lembrando das nossas mestras. Mestra Brisa, daqui da Bahia; Mestra Janja. Então, eu enquanto única representante aqui feminina me sinto nessa responsabilidade de estar lembrando de alguns nomes.

Bom, eu sou Olívia Roberta, venho lá de Irará. Negona: já entrei na capoeira com esse apelido “Negona”, para reafirmar a minha afrodescendência. Tenho 22 anos que pratico a capoeira no meu município. Já tive mais de 200 alunos, mesmo sendo mulher. Mestre Ninha já foi a vários eventos meus, organizados e realizados pela minha pessoa lá no município de Irará. Já consegui juntar mais de 10 mestres em um evento. E eu não era graduada, que fique bem claro isso, porque na capoeira tem uma questão: a gente dá muito valor àquele que é graduado. E na época eu não era graduada, mas graças a Deus, hoje eu sou professora. Quem sabe, se Deus permitir, os mestres permitirem, eu chegarei a ser mestra! E, aí, vou chegar com muita honra. (Palmas)

E essa palavra “salvaguarda” às vezes assusta os nossos mestres, as nossas mestras e até a gente, capoeirista. Mas a gente já vem salvaguardando a capoeira há muito tempo, não é? Através de uma aula, através daquele diálogo que o mestre vem dizendo: “Por que um berimbau? Por que dois pandeiros? Por que a gente deve cantar uma quadra no início da capoeira regional? Por que uma ladainha quando a gente vem falando da angola?” Isso já é uma salvaguarda da capoeira, não é?

Então, quero agradecer aos nossos mestres que vêm salvaguardando essa expressão cultural, independentemente do poder público, independentemente dela hoje ter se tornado um patrimônio imaterial, porque já é um patrimônio nosso há muito tempo. A capoeira já é um patrimônio de Negona desde quando Negona estava na barriga de sua mãe, que foi capoeirista, que é sambadeira. E dizer a vocês, que além de capoeirista, gente, eu sou sambadeira. Atuei no plano de salvaguarda do samba de roda e estou aí tentando ajudar também no plano de salvaguarda da capoeira. Em 2012, eu realizei um evento, lá em Irará. Isso não é falado, mas eu gosto de frisar. Às vezes, até chamo atenção de Maria Paula. Quando eu vim de Campinas e ouvi o diálogo lá sobre a salvaguarda, Mestre Duda, em Campinas, eu falei: “E por que lá na Bahia está parado?” A superintendência do Iphan não está trabalhando isso. E, aí, convoquei o Iphan em meu evento, e daí a gente começou a futucar o governo federal. A gente teve o projeto piloto, com o mestre Macaco, lá em Santo Amaro, e a salvaguarda está aí caminhando.

Quero agradecer a João Carlos, enquanto responsável pelo patrimônio imaterial do nosso estado, que sempre está junto, seja ele com a capoeira, com o samba de roda, com a chegança, com... Agora que recentemente foi registrado como patrimônio imaterial de Santo Amaro... Alguém me lembre aí, porque eu esqueci!

(Intervenção fora do microfone.)

Bembé do Mercado, certo? João sempre está aí, junto, firme, ajudando.

E quero pedir, encarecidamente, aos deputados, ao Sr. Rosemberg, que nos convoque para uma reunião, para um bate papo, os capoeiristas, para a gente definir esta data do Dia Estadual da Capoeira na Bahia. Da minha parte, eu não concordo com 3 de agosto. Conversando ali com o mestre Tonho Matéria, ele até falou: “Negona, por que não 12 de agosto, que é a Revolta dos Búzios?” Pode ser também uma data. Salve, salve e axé! (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): O.k., querida Negona. Eu estava conversando aqui com Tonho, também, sobre essa questão da data, e a sugestão nossa foi de que se pudesse a partir desse evento aqui reunir os mestres de capoeira para definir a melhor data, para não ser algo de cima para baixo. Que fosse uma coisa construída com todos os mestres ou maioria. Obviamente, a gente define uma data e essa data nós vamos trabalhar, aqui. Não gostaria que fosse apenas um projeto meu, mas que fosse um projeto de todos os deputados preocupados com a formação da sociedade baiana e com a importância da capoeira nessa formação.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Neste momento eu concedo a palavra ao representante do Conselho Gestor da Capoeira na Bahia, Mestre Duda. Estourado! (Palmas)

O Sr. MESTRE DUDA: Bom dia a todos! Quero pedir licença aos mais velhos, saudar a todas as nações aqui, Mukuiú, Kalafé. Edenice, minha grande mestra, obrigado pela presença; Mestre Bozó, Mestre Aristides, peço licença para falar. Em nome da capoeira, fui escolhido como representante do Conselho Gestor da Salvaguarda da Capoeira no Estado da Bahia há um ano. Saudar a Mesa – Tonho, Negona, Samona, Rosemberg –, deputado, parabéns, pela iniciativa; João, obrigado pelo apoio que tem nos dado sempre, incondicional pra gente, a capoeira deve muito a vocês.

É importante registrar, deputado, que a primeira política pública que a gente viu para a capoeira veio para criminalizá-la. Então todas as iniciativas que a gente vê para a capoeira hoje, dentro desta Casa, são muito bem recebidas por nós, porque temos tido muitas demandas.

Na verdade, é importante começar destacando por que existe salvaguarda. Salvaguardada é uma política pública consequente do registro da capoeira como patrimônio imaterial, é importante destacar que primeiro foi feito no estado da Bahia, em 2016, pelo Ipac. É por isso que a gente fala da parceria do Ipac com a capoeira, porque foi o primeiro a registrar, depois veio o Iphan.

Mas não é a capoeira necessariamente, a capoeira é muito diversa. A gente está falando do registro de um bem, que é o ofício de mestres. Portanto, aquele trabalho, aquele valor que nós damos à perpetuação cotidiana do nosso saber ancestral, cada um de nós, nos nossos espaços... Vejo aqui todos os discípulos do mestre Bozó ao lado dele, isso é perpetuação de um saber ancestral, é passar essa referência do que você aprendeu para outras pessoas e mantê-la viva.

Então foi registrado o ofício de mestres e foi registrada a roda de capoeira, que é o lugar onde tudo acontece. Aí vem a política de salvaguarda na sequência, essa política de salvaguarda surge justamente para que a gente possa garantir a existência da capoeira.

Mas a gente não pode esquecer, deputado, de dizer porque a capoeira foi registrada. Ela foi registrada porque estava sob ameaça, ameaça que nós vemos todos os dias, ameaça de descaracterização por parte de determinados setores fundamentalistas neopentecostais que tentaram, por um racismo religioso, propor uma descaracterização da capoeira. Nós vimos isso também na tentativa de se reconhecer a capoeira, exclusivamente, como esporte olímpico, de se tentar registrá-la no CNE como esporte olímpico, negando todas as outras possibilidades que a capoeira tem como uma diversa expressão da cultura afro-brasileira.

A gente viu a tentativa de se fazer isso a partir do famigerado projeto de profissionalização seguido da regulamentação que hoje retoma... retoma, estimulado por determinados setores que nós consideramos nocivos à capoeira, que são as federações, as confederações, os conselhos ligados ao sistema Cref-Confefe... Eles tentam impor a sua lógica e favorecer o conhecimento científico sobre o conhecimento

popular, obrigando o capoeirista a se formar nas universidades para exercer a função de capoeirista que ele aprendeu dentro das escolas de capoeira, com seus mestres de capoeira.

O estado precisa reconhecer, deputado – e eu tenho plena consciência de que essa sensibilização o deputado tem –, que a capoeira tem suas formas de se organizar. Dizer que a capoeira é desorganizada para tentar nos impor determinada lógica é um contrassenso. Nós temos nossas formas de nos organizarmos.

Eu tenho dito, inclusive, que o conselho gestor simboliza o que os sindicatos foram historicamente para a organização dos trabalhadores. O conselho gestor é atualmente um organismo da capoeira gerido, organizado pela capoeira que tem mediado políticas públicas com o estado.

Então a capoeira tem encontrado, como Tonho Matéria bem disse aqui, dentro das suas facetas, da forma como cada um se manifesta, suas formas de se organizar e dialogar. E é muito importante que a gente venha sempre lembrar que esse valor, e esse reconhecimento, e essa forma de se organizar sejam reconhecidos pelo estado.

Nesse sentido, a gente vem aqui hoje também reconhecer que essa simbologia de se discutir, de se falar, sobre o Dia da Capoeira é importante porque nos empodera, nos dá espaço, espaço que anteriormente foi negado, foi chamado de marginalizado, foi um espaço que... hoje a gente chama até de a nossa “vadiagem”, é o termo que a gente usa hoje quando a gente chama um capoeirista para jogar, a gente diz: “Vamos vadiar?” Foi o termo utilizado para nos criminalizar anteriormente na história, e a gente utiliza isso justamente num jogo para dizer que essa vadiagem formou, aqui, embaixadores da cultura afro-brasileira que hoje ocupam mais de 160 países no mundo. (Palmas)

Sobre o Dia do Capoeirista, é importante, deputado, porque eu também sempre me perguntava quando as pessoas me parabenizavam no dia 3 de agosto, eu me perguntava: “Por que as pessoas estão me dando parabéns hoje?” Mas a gente foi buscar na história, a gente se fundamentou. De fato, é uma lei, é uma iniciativa municipal. Dentro do conselho, eu particularmente tenho aberto muito mais esse debate para que a gente possa ouvir as perspectivas. Muita gente reivindica a data de nascimento ou morte do mestre Bimba, a data de nascimento ou morte do mestre Pastinha, as pessoas reivindicam o dia 23 de novembro, reivindicam também o dia 20 de novembro, reivindicam várias outras datas, mas o que eu acho mais importante aqui é que o deputado se sensibilize para ouvir os capoeiristas e para a gente transformar esse dia em um dia estadual baiano. A gente precisa, realmente, fazer essa mediação porque a gente acredita que, dentro da capoeira, tem muitas proposições para se pensar esse dia, assim como tem muitas proposições para se pensar o que a gente espera do estado.

Nesse sentido, eu já quero dizer para vocês que na quarta-feira, aqui mesmo na Assembleia Legislativa, a gente precisará ocupar em massa porque nós, da Salvaguarda, estabelecemos como uma de nossas ações prioritárias propor que este estado, que é um estado racista, é um estado que deveria questionar uma série de práticas... Porque ainda me sinto constrangido por estar aqui, no lugar que chamam de

Casa do Povo, que deveria ser um lugar laico, e ver uma Bíblia Sagrada colocada ali. É muito complicado isso para mim, não é? Então a gente precisa, neste momento, reconhecer que este estado, que ainda é racista, que não tem a capoeira incluída dentro da sua escola... Porque a gente sabe que o estado da Bahia, que é o estado que, no mundo, tem a maior população negra fora da África, não tem a capoeira dentro da escola. A gente deve se perguntar por quê? Porque a gente foi vítima – de Nina Rodrigues até hoje – de um processo de desafricanização, querem nos tirar tudo que é do nosso povo preto, que a gente herdou.

A gente precisa ter a capoeira dentro das nossas escolas porque ela cumpre um papel fundamental, ela faz a gente resgatar a nossa identidade afro, ela nos conecta novamente com a nossa história. E quem não sabe a sua história, deputado, conta a dos outros. Nós estamos propondo que este estado coloque a capoeira como disciplina curricular, coloque a capoeira dentro da escola, para que a gente possa ter várias garantias, mas, sobretudo, que nossos mestres possam estar ensinando para quem ocupa as escolas hoje, que são os povos, em sua maioria, pretos e pretas da periferia, a capoeira, reforçando a nossa identidade e nos fazendo ter uma luta vitoriosa nesse espaço.

A capoeira perdeu, tem perdido muito, e é hora de a conquistarmos. E neste momento, simbolicamente, muito mais, porque agora podemos dizer o que pensamos, sem precisar de pessoas que falem por nós. Este espaço está sendo cedido aqui, hoje, pelo deputado, e nós também estamos conseguindo conquistar nosso espaço porque o estado já viu a força que temos, não só como embaixadores que levaram a capoeira para mais de 160 países, mas porque sabem e percebem que nós conseguimos formar nossos jovens, instruí-los e, sobretudo, politizá-los.

Temos aqui o exemplo de Edenice, que é uma companheira de luta, que sustenta um espaço em que o filho conseguiu ensinar capoeira para muitos jovens e também formá-los politicamente, como se tem o exemplo de mestre Bozó, o de mestre Aristides, o de tantos outros.

Então vamos ocupar aqui, no dia 21, às 9 horas, porque o estado precisa ouvir as nossas demandas. Nós temos demandas. O conselho gestor propôs um plano de salvaguarda com 72 ações que a gente espera do estado, uma delas é que a capoeira esteja na escola. (Palmas)

Para finalizar (palmas), parabenizo, deputado, a iniciativa e o chamo para vir fazer esse debate com a gente, para a gente pensar em uma data, fortalecer essa iniciativa, e para o estado poder amparar as nossas demandas também.

Salve. Axé. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): O.k., meu querido mestre Duda, parabéns e vamos, sim, fazer... Na realidade, já está decidido o encaminhamento para que o próprio conselho gestor coordene esse encontro e esses debates, e a gente possa definir a data. Definindo-se a data, nós, obviamente, vamos tramitar aqui para que a

gente possa votar sem nenhum problema o dia que os mestres entenderem como o melhor para reverenciar a capoeira no estado da Bahia.

Queria, neste momento, pedir mais uma vez ao grupo Mangangá para que possa, de forma alternada, fazer uma apresentação para a gente. Tonho Matéria, se quiser que eu ajude também, eu ajudo.

(Procede-se à apresentação artística.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Beleza Está vendo você? Olha, nós podemos dizer que estamos transformando isso aqui em um terreiro e se não tiver... não tem alegria.

Eu quero aproveitar este momento e saudar a Nação Capoeira, Quilombo Capoeira, Escola de Capoeira Alabamba, Grupo Agô Capoeira e o grupo Mangangá e pedir uma salva de palmas para todos. (Palmas)

Quero inclusive, Duda, dizer que a colocação foi uma surpresa para cada um de nós quando nos deparamos, aqui, na abertura dos trabalhos legislativos há 2 anos com esta Bíblia. Com todo o respeito à Bíblia, mas da parte de diversos deputados houve manifestações, exatamente nesse sentido que você colocou aqui, do ponto de vista do respeito às diversas representações e crenças. E infelizmente depois de postada nesse local aí para tirar vai dar um determinado trabalho. Mas eu espero que a gente possa, talvez, iniciar completando esse espaço com outras referências (palmas) e, de repente, acho que com isso conseguiremos democratizar o espaço. Apresentação como esta já é uma demonstração disso, entendeu?

Lembro da manifestação que o deputado Paulo Rangel fez aqui contrária, inclusive, a esta colocação com o apoio de todos nós, mas foi uma surpresa também para nós na abertura dos trabalhos legislativos há 2 anos.

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Concedo a palavra ao diretor geral do Centro de Culturas Populares e Identitárias da Bahia, meu querido amigo André Reis. (Palmas)

O Sr. ANDRÉ REIS: Bom dia para quem é de bom dia, boa tarde para quem é de boa tarde e boa noite para quem é de boa noite.

Queria saudar a Mesa na pessoa do nosso deputado Rosemberg Pinto que sempre tem feito um trabalho brilhante, principalmente preocupado com a relação da cultura identitária. Para mim, eu me sinto muito em casa aqui e feliz porque eu sou de uma cidade onde nasceu Manoel Henrique Pereira – alguém conhece? – mais conhecido e batizado como Besouro de Mangangá. Nascido em Santo Amaro da Purificação, de onde também, agora com a brilhante apresentação do maculelê, nasceu Popó do maculelê, que andava pelas ruas da minha cidade, no bonde, levantando o bonde, quando ele tinha tempo livre, ia fazer a dança do maculelê, ensinar aos camaradas. (Cantando:) “Vou aprender a ler para ensinar aos meus camaradas.”

Para a gente do CCPI, deputado, é muito importante, porque o Centro de Culturas Populares Identitárias é uma unidade muito nova. Nós nascemos em 04 de maio de 2011, quando o governador Wagner, então naquela época, entendeu a importância de valorizar as culturas populares identitárias, e a partir da Lei 12.012 é criado o CCPI.

E, dentro do CCPI, o Centro de Culturas Populares, a gente tem uma grande responsabilidade, deputado, e todos os senhores, porque é lá que a gente realiza o edital específico para capoeira. Desde 2016, que foi o último edital, a capoeira ganhou uma especificidade de recursos destinados para as ações voltadas à arte da capoeira, à cultura da capoeira.

E isso é um grande avanço na política cultural do estado da Bahia – e mando aqui um abraço da nossa secretária Arany, que está em viagem, mas deixo esse grande abraço dela, por ser uma mulher negra ocupando o espaço da cultura e, mais do que isso, por ser uma pessoa que veio do CCPI. Foi ela quem criou com o governador Jaques Wagner, e então na época o secretário Albino Rubim, a possibilidade de trabalhar e desenvolver as políticas das culturas populares identitárias no estado da Bahia.

Diga-se de passagem, política essa que são poucos os estados que dão prioridade, que é a cultura popular. E a Bahia, graças a Deus, a gente tem um grande avanço dessas políticas.

Acredito que esta semana ainda a secretária de estado deve anunciar esses editais que serão abertos ainda este ano e deixo para ela exatamente anunciar. E este momento, deputado, desta sessão especial, ela é muito significativa, muito importante. Na Bahia, por exemplo, o município de Cachoeira tem o Dia Municipal da Capoeira.

Eu estive secretário lá e já encontrei, na época, esse dia que era o dia também 03 de agosto, mas era muito importante, aliás, é importante, porque lá – foi até polêmico – tem o Dia da Capoeira e no mesmo dia o Dia da Mandioca, por conta da importância da maniçoba, da cultura específica da região.

E a capoeira precisa realmente desse espaço, desse dia, quer dizer, para mim, todos os dias são os dias da capoeira, independentemente de ter uma data especial, mas é necessária essa lembrança e a importância de se fortalecer essa arte, essa dança, essa luta da capoeira como processo importante de construção da história da civilização negra no estado da Bahia e no Brasil.

Meu amigo Tonho, de quem gosto muito, sempre temos feito umas parcerias e é importante levar isso para outros territórios de identidade. Vim agora, deputado, inclusive, do município de Coité, onde lá foi feita uma atividade, o Dia Nacional da Capoeira, e lá nós fizemos... ontem eu estava lá fazendo uma oficina de elaboração de projetos de editais específicos para os povos da capoeira. Os capoeiristas-mestres, contramestres e pessoas que são adeptas da capoeiragem, da capoeira. E cheguei, vim agora para cá, estou aqui e já sigo para Santa Inês para também elaborar uma outra oficina lá neste sentido de fortalecer a cultura identitária do nosso povo da capoeira.

Salve a capoeira! Salve os mestres! Salve os contramestres! Salve os que lutam pela capoeira no estado da Bahia. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Beleza, André! Obrigado, querido amigo.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Neste momento, eu convido para se pronunciar a querida coordenadora de dança da Funceb, Janahina Cavalcante, que neste ato representa a nossa diretora Renata Dias.

A Sr.^a JANAHA CAVALCANTE: Bom dia a todos e a todas. Antes de tudo, eu peço com licença e a bênção aos mais velhos – fui ensinada assim; uma saudação à Mesa. Sou Janahina e estou aqui representando a Funceb – Fundação Cultural do Estado da Bahia, uma entidade vinculada à Secretaria de Cultura. A Funceb tem a função de incentivar a dança, a formação na música, a produção, a memória, a pesquisa, e assim... Para mim é muito orgulho estar hoje aqui representando a Funceb nesta iniciativa. Meus parabéns, Rosemberg, porque a gente precisa... a arte precisa dessas iniciativas para se fortalecer. E eu falo arte porque a capoeira para mim, no meu entender, é uma arte, para além da resistência, para além da luta, para além do jogo, é uma arte. E essas pequenas iniciativas é que fortalecem as nossas lutas, enquanto artista, enquanto capoeirista.

Essa honrosa sessão vem para... eu acho que é uma possibilidade de você evidenciar essa manifestação cultural que veio de uma herança africana, não é? Essa brincadeira mandingueira... Vou ler o que escrevi pensando neste hoje: “Essa brincadeira mandingueira que revela em si suas indiscutíveis origens africanas, ginga, malícia, história e beleza. O toque e o som do berimbau anunciam: começou a roda. E os capoeiristas vão chegando, chegando... com suas meias-luas, com suas luas de compasso, com seus rabos de arraia, martelo e tantos outros movimentos.

Dança? Dança! Música? Música! Literatura? Literatura! Arte.

Viva seus mestres”! Viva suas mestras!

Eu, Janahina Cavalcante, tive o prazer de fazer capoeira. A capoeira me tornou melhor como artista e como dançarina. Minha filha faz capoeira, joga capoeira, dança capoeira.

Viva os mestres! Com todos os ensinamentos, eles são a mais pura demonstração de conhecimentos ancestrais e populares. Viva esse dia! Viva o dia que vamos decidir que dia será o Dia Estadual da Capoeira.

Parabéns a todos e a todas.

Muito obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Obrigado, Janahina.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Queria neste momento, aqui, fazer outros registros: Gingado Baiano, Porto da Barra, Lua Branca, Nego Nagô, Ginga Renovação, Pai e Filho, Lobarte, Olopé, Angola Moçambique, Associação de Capoeira Regional da Bahia, Associação de Capoeira Arte e Luta – Acal.

E neste momento, será a última fala aqui da Mesa, eu queria conceder a palavra ao representante do governo do estado, que representa neste ato o governador Rui Costa e a secretária Arany Santana, João Carlos Oliveira, diretor-geral do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado da Bahia – Ipac. (Palmas.)

O Sr. JOÃO CARLOS OLIVEIRA: Bom dia a todos e todas, queria saudar todos da Mesa, o deputado Rosemberg, a Sr.^a Janahina Cavalcante, da Funceb; André Reis, representando a CCPI, Tonho Matéria, Somonair dos Santos, mestre Duda e a professora Negona.

Queria começar falando um pouco sobre o companheiro Rosemberg. Eu acho que é importante a gente lembrar da coerência do mandato. Eu acho que a gente está aqui hoje, exatamente, como resultado desse processo de coerência. Nós tivemos a oportunidade de participar, de acompanhar o processo eleitoral no ano passado e o compromisso que o deputado apresentou com a cultura da Bahia. Então manifestar, exatamente, esse processo de coerência.

E eu queria lembrar uma coisa, que parece que é engraçado, mas é muito real da cultura brasileira. Em 1994, eu ainda aluno do Salesiano, e a única vez que eu consegui e a primeira vez que eu consegui enxergar a interpretação da capoeira, imagine! Baiano, soteropolitano, com 13 anos de idade, a primeira vez eu fui ver capoeira, foi num filme de Cacá Diegues sobre o Zumbi do Palmares. E ali, eu vou falar muito do que Duda trouxe para a gente, ali eu já enxergava a capoeira como um lugar de luta, mas essa luta do bom combate, dos processos de ocupação de espaços, e é isso que a gente está falando hoje.

Eu tenho uma filhinha de 2 anos e 6 meses, e na escolinha dela existem duas opções: ou ela faz balé ou ela faz capoeira.

Então a gente percebe que esse espaço de luta teve conquistas, diferente da minha geração em 84, que ali ainda estava segmentado algumas barreiras sociais fundamentais. Hoje, a gente consegue ganhar um espaço de formação para o jovem, para o adolescente, já é a discussão que a gente faz hoje, como ocupar esse novo lugar de fala, o lugar da formação para além do lugar do mestre, trazer esse debate para a sala de aula.

Dentro disso, acho que tem uma outra discussão importante, quando a gente fala desses muros que são construídos por debate, e é fundamental a gente falar do plano de salvaguarda, é importante separar algo que querem obrigar a cultura popular brasileira, que é sair do lugar da tradição para o lugar do folclore. O folclore é uma invenção cultural, uma manifestação, da mesma forma que a gente conta aquela historinha e a gente quer ter uma ideia do que falar, tradição não, tradição é existência.

Existe uma diferença muito clara dos locais de ocupação. Então, quando esses muros são construídos para colocar a nossa cultura popular no lugar do folclore não se enganem, eles querem tirar o espaço de debate, nós estamos falando de tradição e isso que é fundamental nessa escolha.

E aí, a gente vem para uma outra discussão que é fundamental à composição que está feita da Mesa. Eu lembro e aí vou citar mais uma experiência de vida, quando painho e mainha me perguntou o que é que eu queria para minha festa de formatura. Eu tinha a opção do clube, com quase 2 mil pessoas, e eu preferi os meus amigos em casa. Reunimos numa só noite 20 pessoas. Elas me representaram. Essa é a sensação que eu tenho hoje: representatividade. É isso que a gente está falando, do bom debate.

E isso, Duda, é o que a gente está discutindo para o plano de salvaguarda. E que cada vez mais o processo do plano garanta uma representatividade.

Então, gostaria de informar a vocês do espaço que estamos discutindo, das reuniões que já tivemos em 2019, convidamos o deputado Rosemberg para que fizesse uma interlocução, para que a gente tivesse um espaço no Centro Histórico de Salvador, no Pelourinho, que fosse a sede do Conselho Gestor da Capoeira. Isso é um debate fundamental porque assim como Negona coloca os avanços do samba de roda, eles surgiram muito a partir de um espaço representativo existente em Santo Amaro. Isso é fundamental para que a gente tenha, garanta uma representatividade, lugar de fala e um debate fundamental.

Encaminhando a discussão para uma outra fase que é a gente falar de política nacional, o que a gente percebe cada vez mais é que vários estados brasileiros acompanham a prática e cenário do governo federal, que é cada vez mais compartimentar as coisas. Quando o governo federal cria o faccioso Ministério da Cidadania ele joga lá cultura, cinema, tradição, esporte, lazer num mesmo caldeirão. Eu acabei de vir de Brasília e é assustador a falta de interlocução desse ambiente de debate, ou seja, o que a gente conseguiu perceber, é que existe um claro movimento de esvaziamento do discurso da cultura para dentro do ambiente, e os espaços políticos do Brasil, e a Bahia acaba sendo um local de resistência, por quê?

E aí eu vou citar: nós temos dentro da representação na Bahia uma secretaria própria de educação; nós temos uma secretaria própria de cultura; nós temos a Sepromi; nós temos a Setre e nós temos aqui, hoje, muito bem representados, a Assembleia Legislativa da Bahia.

O que a gente não pode permitir, agora, é que o fato de existir várias políticas que possam abranger a prática do patrimônio cultural, que ela fique pulverizada. Eu acho que o esforço que a gente tem que fazer para os próximos 4 anos num processo de resistência, que a Bahia seja um local de fala diferente do local de fala que se propõe, hoje, vindo de Brasília, é que essas secretarias possam unificar o discurso. Assim como nós temos edital de R\$ 600 mil na cultura, que nós possamos ter editais na Sepromi, que nós possamos ter editais na Setre, que a Secretaria de Educação reconheça, realmente, uma política pública que absorva os papéis dos mestres, ou seja, que o fato da Bahia ter esse espaço de representação ele possa ser congregado.

Eu acho que é no mandato do nosso Líder do Governo que a gente pode fazer política, ou seja, que ele possa atrair o discurso da mesma forma que ele já assumiu o compromisso da gente discutir o dia 3 ou o dia 12, seja que data for, mas que para além disso, que as políticas públicas de estado possam dialogar e que esse espaço seja, realmente, um espaço de ocupação para a cultura.

Eu queria, aqui, saudar mais uma vez todos os mestres e mestras e que a gente possa lutar para que tradição seja lugar de fala.

Bom dia a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Muito obrigado, meu querido João Carlos.

Dizer que o Ipac tem uma importância significativa para resistência e crescimento da representação da capoeira no estado da Bahia.

Aproveitar aqui, Edenice, para fazer uma propagandazinha: no dia 21 de setembro vai haver um show da consciência negra com a participação de meu querido amigo Tonho Matéria, que está aqui ao lado, Margareth Menezes, Roberto Mendes, lá da nossa Santo Amaro, Juliana Ribeiro e a banda Atabasabar. Vai ser no Largo Tereza Batista, lá no Pelourinho, os portões vão abrir às 17h, e tem o apoio da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia.

Vou citar aqui que acabou de chegar, também, mestre Edir, mestre Boca Rica, mestre Neto, estão todos presentes aqui e nós vamos fazer aqui umas homenagens a algumas personalidades da capoeira com uma placa reverenciando essas pessoas.

Eu queria iniciar isso para que pudesse entregar aqui uma placa, eu vou fazer isso na pessoa de Somonair, para, *in memorian*, o Mestre Moa do Katendê. E queria pedir ao meu querido amigo João Carlos que fizesse essa entrega. (Palmas)

Vamos fazer ali embaixo, por causa da foto, para deixar registrado isso. (Palmas)
(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Eu queria chamar aqui o Mestre Pau de Rato, para que a gente pudesse fazer aqui... e eu queria pedir a Janahina para fazer essa entrega ao Mestre Pau de Rato, da Nação Capoeira. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): O.K.

Eu queria pedir ao meu querido amigo André Reis para fazer a entrega a esse grande amigo também, Tonho Matéria, mestre de capoeira.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Eu queria registrar a presença aqui do meu querido amigo Isaac Cunha, ex-deputado estadual, que estou vendo ali.

Eu queria fazer um agradecimento especial, aqui, à Nucana, essa turma do Nordeste de Amaralina, e agradecer ao meu querido amigo Rodrigo, que construiu, ajudou a organizar esse evento, que trabalha com gente lá do Nordeste de Amaralina.

Chamar aqui o Mestre Paredão, e pedir à professora Negona para que pudesse fazer a entrega dessa placa.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Vou pedir aqui ao meu querido amigo Duda para fazer a entrega a Mestre Bozó. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Queria pedir a Somonair para fazer a entrega ao Contramestre Busca Longe. De jovem para jovem. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Queria chamar minha amiga Edenice para fazer a entrega ao meu querido amigo Mestre Ninha. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem. (Palmas))

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Queria chamar aqui o meu querido amigo Bujão, que está ali na frente, para fazer a entrega a Mestre Duda. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Queria chamar aqui Rodrigo para fazer a entrega a Mestre Neco. Dos mais novos para os mais antigos. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Queria chamar o meu querido amigo Tonho Matéria para entregar a Mestre The Flash. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Queria chamar o Mestre Didi para fazer a entrega a Mestre Denilson. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Contramestre. É o Contramestre Morcego.

(Intervenção da plateia fora do microfone.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Pois é. Estive ontem lá na Chapada. Estive na Chapada ontem, fui a Mucugê, tinha café de todo tipo.

Eu queria chamar aqui o meu querido ex-prefeito Railton, de Itagi, para entregar ao professor Saravá. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Chamar o meu querido amigo André Reis para entregar a Mestre Marreco. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Eu queria pedir ao meu querido amigo João Carlos para fazer entrega a Mestre Aristides. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Pedir a minha querida amiga Janahina, aqui do lado, para fazer a entrega a essa importante professora Negona, de Irará. Será mestra, viu? Fique tranquila. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Tem alguém do Lobato? Quero fazer uma entrega *in memoriam* ao mestre Gato. Quero fazer isso. Tem alguém da família de mestre Gato? Tem não? Mas eu faço questão e vou pedir para que você receba aqui em nome do mestre Gato. Porque o mestre Gato tem uma história extremamente importante em Lobato, na formação daquelas crianças, e, com muita dificuldade, ele fazia aquilo como a sua vida. Nada melhor do que fazer essa homenagem neste momento. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

Neste momento, quero chamar meu amigo Zé Arerê, para que possa entregar essa placa ao mestre Didi. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

Quero chamar Duda para entregar ao mestre Boca Rica. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

Queria aproveitar para fazer um anúncio, um convite para o evento Nucana em Movimento, 26ª caminhada, no dia 24/8, com início às 13h, no CSU do Nordeste. Então, dia 24/8, sábado, será no Nordeste. E no dia 25/8, iniciando às 8h da manhã, no final de linha do Nordeste de Amaralina, concentração para caminhada, com saída às 9h, em direção à Rua do Nordeste, com roda de confraternização.

No primeiro dia, terá a presença de mestre Bozó, mestre Crush, mestre Darkson e professora Gisele, em um bate-papo relacionado aos eventos do núcleo, lá do CSU.

O Festival de Música Maria Felipa vai acontecer em quatro territórios, de setembro a novembro. Organização: Mulher na Capoeira Tem Axé, professora Negona.

Queria aproveitar para fazer esse encerramento pedindo uma palavra dos mais antigos. Então, queria fazer esse encerramento com a palavra do mestre Boca Rica. Gostaria que viesse aqui para a gente encerrar esse momento, em nome de todos os mestres aqui presentes. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Com a palavra o mestre Boca Rica.

O Sr. BOCA RICA: Oi, gente! Um bom dia para todos e todas. Foi com imenso prazer que recebi o convite desta Assembleia, graças a Deus. Então, tudo o que for bom para a capoeira, é importante para mim e para a capoeira, para nós todos, capoeiristas, mestres, professores, alunos e alunas.

Não sou muito falante não, porque não sou vereador nem advogado que fala. Eu falo pouco. Tchau e muito obrigado. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): O senhor não é vereador, não é deputado, mas é o mestre querido por todos nós, isso que é importante.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): Pessoal, primeiro, queria agradecer a cada um de vocês, agradecer a todos que participaram desse momento, que é um momento de reflexão, de debate sobre a capoeira.

Esta placa não tem a data especificando o Dia da Capoeira, dando a oportunidade a cada um, para que possamos – a partir daquilo que combinamos, coordenados pelo mestre Duda – definir a data em que vamos apresentar um projeto de lei para o Dia da Capoeira no estado da Bahia.

Então, neste momento, eu convido a todos os presentes para ouvirmos a execução do Hino da Bahia – e vamos ficar de pé em reverência ao nosso hino.

A deputada Maria del Carmen chegou aqui. Minha querida amiga, Maria del Carmen, parabéns pela sua chegada, porque é uma das deputadas daqui que também têm uma importância significativa na defesa da capoeira no estado da Bahia.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Rosemberg Lula Pinto): O.k., pessoal, da próxima vez nós vamos encerrar com o Hino da Capoeira. Da próxima vez vamos fazer isso.

Quero agradecer a todos vocês e, neste momento, declaro encerrada a sessão, referenciando o professor Cadência do Agô Capoeira. Eu faço questão de entregar também esta placa para o grupo.

Neste momento, declaro encerrada a presente sessão especial.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.